



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

NARRANDO A HISTÓRIA DAS DESCOBERTAS COM LEITURA E DA ESCRITA NA MINHA VIDA

MARIA RITA DE CÁSSIA RODRIGUES

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

RESUMO

Este artigo objetiva narrar o percurso de Maria Rita de Cássia Rodrigues, professora de Língua Portuguesa (LP) do ensino básico da rede Estadual, no Estado da Bahia, na cidade de Salvador, e como colaboradora na pesquisa da doutoranda Laureci Ferreira da Silva (UFBA). Percorrer esta narrativa significa descobrir novos caminhos, realizar sonhos, compartilhar com o grupo de estudos para nossa formação leitora e também com o crescimento pessoal e profissional. Com este estudo, descobrimos o quanto é difícil e doloroso assumir os entraves com as práticas leitoras de determinados textos. Com esta proposta foram utilizados textos de Street (1984) e Kleiman (1995), que definem letramento com um conjunto de práticas sociais de leitura e escrita. E como metodologia a autobiografia.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento. Narrativa. Leitura e Escrita.

RESUME

This article aims to narrate the journey of Maria Rita Rodrigues, a professor of Portuguese Language (LP) of basic education from the State network in the state of Bahia, in Salvador, and as a collaborator in the research of PhD Laureci Ferreira da Silva (UFBA). Go this narrative is to discover new ways, fulfill dreams, to share with the study group to our reader training and also with the personal and professional growth. With this study, we discovered how difficult and painful assume barriers with the reading practices of certain texts. With this proposal we used texts Street (1984) and Kleiman (1995), which define literacy with a set of social practices of reading and writing. And as methodology the autobiography.

KEY WORDS: Literacy. Narrative. Reading and writing.

1. INTRODUÇÃO

Conceber a leitura e a escrita como práticas sociais é repensar o fazer pedagógico de modo que se priorize o sujeito e seu contexto social, respeitando os valores e conhecimentos que cada um possui, de maneira que se posicionem criticamente.

Acredita-se que para o indivíduo ter domínio das práticas leitoras e escritoras é necessário que haja uma preocupação com a aprendizagem para que o discente desenvolva autonomia e deste modo essas práticas façam sentido, assim, compreenda o que lê e alcance com a leitura a relação entre o texto e seu contexto, não importando o gênero.

A partir deste estudo propõe-se a tratar do ensino de leitura e escrita e como o professor de Língua Portuguesa – LP pode interferir em tais práticas para que o aprendente construa sentido para além do texto, e então, o processo de leitura torne-se completo, através da interação dos diferentes elementos do texto com o conhecimento que o leitor possui.

Segundo Solé (1998), para aprender a ler, cada indivíduo necessita que seja construída uma representação adequada dos objetivos da leitura, assim como a ação de ler em si. Necessita também de cognição e ponderação sobre os

processos de aquisição. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que o indivíduo aprende a ler, deve aprender a aprender a ler.

O processo de ler é complexo, como em outras tarefas cognitivas, como resolver problemas, trazer à mente uma informação necessária, aplicar algum conhecimento a uma situação nova, o engajamento de muitos fatores (percepção, atenção, memória) é essencial se queremos fazer sentido do texto (Kleiman, 2004, p. 13).

Durante muitos anos, o ensino de práticas leitoras no Colégio Estadual Ruy Barbosa tem sido pautado nas regras gramaticais descontextualizadas, por isso, o aprendiz não valorizava essas práticas, pois não atribui significado para a sua vida.

A partir dessa realidade, precisamos discutir e rever as nossas práticas pedagógicas, tendo como foco a leitura e a escrita, considerando as práticas de letramento do aluno e do professor, para formarmos leitores e escritores. Para isso é necessário planejar a escrita para melhor executá-la, dessa forma precisamos propiciar aos sujeitos a conviver com os mais variáveis gêneros textuais.

Vale salientar que o presente artigo faz parte de uma pesquisa de doutorado da doutoranda Laureci Ferreira da Silva, que contribuiu para nos oportunizar crescimento pessoal e profissional, que de certa forma nos ajudou a quebrarmos entraves em relação a nossas dificuldades com leitura e escrita.

Narrar a minha história foi doloroso, difícil e, ao mesmo tempo, um momento de redescobrir os caminhos, possibilidades de melhorarmos a nossa formação, precisamos refletir sobre esse processo social de construção de significado e estar em constante busca de aprendizagem e acreditar que quando queremos torna-se possível.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo tem como referencial teórico a leitura compreendida como construção de sentido. Tomo como referência autores como: Kleiman (1995), Solé (1998), Freire (2010), Street (1995) e Borges da Silva (2010), já que tais autores compartilham em seu pensamento a ideia da leitura e da escrita como prática de ação social.

Segundo Kleiman, letramento não é um método de alfabetização e não é uma habilidade. É uma estratégia relacionada ao aluno. Uma prática de letramento escolar envolve um conjunto de habilidades. Para Street (1980), letramento são todas os possíveis aspectos de envolvimento social e individual com as práticas de leitura e de escrita, cujo o sistema é o alfabético. Comungo das ideias de Kleiman e de Street, por acreditar que letramento são todas as práticas sociais de leitura e de escrita dentro e fora da escola, considerando as práticas que o aluno traz e que façam sentido.

O processo de leitura torna-se complexo quando atribuímos um significado a partir do que lemos, possivelmente isso acontece quando há interação do leitor com o que está nas entrelinhas ou além delas, e também do conhecimento de mundo que ele possui. Para isso, as estratégias de leitura, os objetivos e finalidades devem estar claros, pois a língua nos oferece muitas possibilidades, dessa forma, é importante respeitar a diversidade social, cultural, regional e o contexto no qual o sujeito está inserido. Segundo Borges (2010), a leitura é uma das atividades mais importantes e difíceis de obter sucesso na contemporaneidade.

Pressupomos que é através da leitura e da escrita, e da ampliação dessas competências, que podemos formar cidadãos críticos, devido ao papel central que essas práticas desempenham para a socialização nas culturas letradas. Contudo, é sabido que, nós enquanto profissionais na área da língua portuguesa nem sempre fazemos uso de estratégias corretas no sentido de considerar o contexto da escola e na comunidade e da sociedade na qual o estudante está inserido. É necessário confrontar as práticas escolares, formando leitores críticos e autônomos.

Dessa forma, acredito que nós professores de LP, à medida que ampliamos nossa competência leitora, podemos proporcionar aos nossos discentes um trabalho de leitura e escrita que busque fazer sentido ao relacionar os textos ao seu contexto social e assim, oferecer condições de produção, participação social e criação no processo, tornando essas práticas menos dolorosas e difíceis.

Para tanto, faz-se necessário não apenas ler os textos, mas adquirir autonomia sobre eles, aprender a ler além da superfície, pois nem sempre o sentido que o autor dá a um texto é o mesmo que leitor lhe atribui, isso depende dos conhecimentos prévios e do que se objetiva com a leitura.

3. RELATO DE EXPERIÊNCIA

O presente relato tem como proposta narrar minha história profissional e pessoal, referente às experiências compartilhadas com um grupo de estudo com três professoras de Língua Portuguesa (L.P.) da rede Estadual da Bahia: Bruna Vasconcelos de Santana, Marilene Miranda e, como sujeito da pesquisa, a doutoranda pela Faculdade de Educação da Bahia (FACED&8725;UFBA), Laureci Ferreira da Silva. A construção dessa pesquisa é considerada uma autobiografia porque apresenta questões relacionadas a minha narrativa, as experiências vivenciadas por mim e pelo grupo da pesquisa.

As narrativas são instrumentos que usamos para dar sentido ao mundo à nossa volta e, portanto, de quem somos nesse mundo. “O ato de contarmos e ouvirmos histórias tem um papel crucial na construção de nossas vidas e das vidas dos outros afirma Sarup, (1996), já que as histórias sobre mim mesmo são igualmente como vejo os outros” explica Carrihens, (1998). Bruner (1987, p. 15), neste mesmo sentido, afirma que “nos tornamos as autobiografias narrativas pelas quais contamos nossas vidas”, ou ainda, como Linde (1989, p. 1) indica, “a narrativa é usada para criar [um] sentido interno de si-mesmo.

Sou Maria Rita de Cássia Rodrigues, nasci na cidade de Euclides da Cunha, interior da Bahia, em 1964, onde eu estudei do Ensino Fundamental ao Médio, tendo a formação em magistério. Após concluir o magistério, iniciei o trabalho em sala de aula, ensinando no município com crianças do grupo quatro, que chamava-se na época de pré-escola. Logo em seguida, migrei para a rede Estadual, onde comecei a trabalhar com a 2ª Série do Ensino Fundamental I. Depois de mais ou menos dois anos, passei a residir em Salvador, sendo lotada no Colégio Estadual Ruy Barbosa, no ano de 1987, esta escola funcionava no turno matutino para o primário – como o Fundamental I era chamado – e o ginásio – Fundamental II – se executava à tarde e à noite, além dos alunos portadores de deficiência auditiva.

Depois de algum tempo lecionando com esse grupo de pré-escola, resolvi prestar vestibular para Letras Vernáculas na Universidade Católica do Salvador (UCSAL) em 1991, fui aprovada e iniciei meus estudos de graduação. Minha entrada no curso de Letras foi um momento de felicidade, pois passei a fazer parte de uma Universidade. Concluí o curso em 1997 e passei a trabalhar com as turmas da 5ª série. Em 2001, iniciei o curso de pós-graduação em Estudo Linguísticos e Literários na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Iniciamos os nossos estudos com leitura e escrita em 2013, foi então que descobrimos as nossas dificuldades com essas práticas leitoras, especialmente em relação à leitura de alguns textos, como artigos, textos de divulgação científica (D.C.) e à escrita de fichamentos, resenhas e, especialmente artigos. Assim, começamos a perceber que apenas a graduação em Letras Vernáculas, tínhamos muito que avançar no processo de leitura e escrita, e refletir sobre nossa formação, já que na Universidade não havíamos trabalhado com essas modalidades textuais, focando nosso tempo de estudo a responder a provas ou arguições, sempre com o intuito de mensurar, avaliar.

Foi então que a professora, doutoranda, Laureci nos fez alguns questionamentos: como víamos a leitura? Qual nossa formação leitora? Começaram assim nossas indagações e reflexões sobre nossos entraves em relação a esse processo doloroso de leitura e escrita e como os havíamos construído até então.

Neste momento, “caiu nossa ficha”: na Universidade não tivemos a formação leitora que, se pressupõe, deveria ser feita no ensino básico, dificultando nosso trabalho em sala de aula.

Ninguém gosta de fazer o que não sabe e, portanto, ensinar demanda reflexão crítica da prática escolar, o que ajuda a alcançar os nossos objetivos. Nos transformamos à medida que oferecemos melhores condições de aprendizagem aos alunos&8725;sujeitos.

Durante essa trajetória, pude analisar como início os estudos com o grupo, quantas angústias, por não querer aceitar que não se domina a língua como deveria, ao menos de acordo com o que se presume pela formação em Letras Vernáculas. Narrar a minha história é desnudar essas dificuldades sobre leitura e escrita, quantos medos perpassavam, quanta impotência sentíamos, e no meio do caminho a vontade de desistir, pois assumir que não se sabe o que fazer é complicado. Contudo, como não é do meu feitio desistir, por não querer ser covarde, prossegui no meu percurso, podendo ver quantas descobertas podemos almejar, basta ter alguém que nos ajude a dar o pontapé inicial.

Ao longo desse processo foi importante o estudo, pois, além de nos proporcionar a melhoria de nossa formação leitora e escritora e profissional, nos fez perceber que, assim como tivemos as nossas dificuldades, os nossos alunos também as têm. Nos cabe, enquanto profissionais de Língua Portuguesa, oportuniza-los para que possam construir seu conhecimento.

O que aprendi com esse convite feito por Laureci, que foi uma grande chance de nos transformar em pessoas mais capazes e, dessa forma, agirmos melhor socialmente, de maneira autônoma. Ranços e avanços irão existir sempre, durante esse caminho que percorri, fico analisando como fio o meu ponto inicial, chorei muito por me sentir fracassada, hoje, na metade do caminho, sinto-me vitoriosa por aprender com este grupo que muito me ensinou, embora saiba que ainda tenho muito a aprender. Sinto muita gratidão por minha amiga Laureci, por fazer parte do meu crescimento pessoal e profissional. Espero que a minha formação contribua cada vez mais para melhorar minha atuação prática em

sala de aula, e que eu possa contribuir com os discentes, ajudando-os com os saberes necessários. Sempre é momento de recomeçar, redescobrir e repensar.

4. Eu, a leitura e escrita dos gêneros acadêmicos: avançando mais um degrau

Neste momento, após várias discussões em sala (na faculdade de educação da UFBA) sobre questões relacionadas a Educação, fomos submetidas a escrever um artigo sobre a experiência em sala de aula, foi então que comecei a perceber que o meu processo em relação a escrita de gêneros acadêmicos, apesar de dificultoso, havia melhorado, escrevi o primeiro artigo sobre aprendizagem significativa da leitura e da escrita. Depois de pronto foi apresentado para o professor avaliar.

Vale salientar, que só foi possível escrever o artigo depois de ser orientada por Laureci, que disponibilizou o seu tempo para me ajudar a planejar a escrita.

O que marcou durante esse processo foi admitir que não sabia escrever tal gênero, porque, quando comecei a escrever e íamos estudar nossos próprios textos com o grupo de estudo, ficava zangada quando o texto era riscado e algumas vezes chegava a ser grosseira, pois não admitia não saber escrever com propriedade.

Hoje tenho mais tranquilidade para lidar com essas questões, pois compreendo que é necessário planejar melhor a escrita para melhor compreensão.

Outro momento importante, foi quando escrevi o segundo artigo, foram feitas algumas alterações, dessa vez , a escrita um pouco melhor. Com a escrita do terceiro artigo entendo que estou em um processo melhor, e acredito que a tendência é escrever com fluência. Aqui eu já não estou mais no momento de angústia de quando comecei a escrever, sinto-me feliz por ter vencido mais uma etapa, acredito que quanto mais aprimoramos a nossa escrita, mais capacidade de formar nossos alunos teremos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este artigo, pude perceber, com essas descobertas o quanto é necessário estarmos em constante formação e, assim, refletir sobre nossas práticas leitoras, desse modo compreendemos que, para sermos profissionais comprometidos, críticos e competentes é preciso oportunizar aos aprendentes, ressignificar a aprendizagem e criar um ambiente acolhedor.

Descobrir caminhos para que os sonhos sejam realizados é essencial, desde que possamos criar possibilidades de mudar, avançar e transformar a nossa prática escolar. Planejando as atividades com objetivos que estejam claros. Segundo Tânia Regina (2010, p. 25), deve-se criar contexto para a formação de professores em local de trabalho, para focar melhor a linguagem e as ações.

Reverbero, ao fim desse trabalho, uma fala de Antunes(2003, p. 34) que diz ser:

(...) evidente que qualquer discussão sobre objetivos da atividade pedagógica, por mais completa que possa parecer, deve completar-se com o estudo a crítica, a reflexão, a pesquisa (nós professores precisamos de tempo para isso!

Ou seja, sempre é momento de aprender, acreditar que é possível desde que se criem condições para que de fato a aprendizagem se concretize.

Por fim, preciso retomar a um ponto que vejo como fundamental. Considero que escrever adequadamente, com efeito de sentido pretendido numa dada situação de comunicação, depende de construir sentido para os aprendizes, e para que isso se efetive é necessário que se criem objetivos e estratégias que despertem interesse para concretizar a atividade.

Parto do princípio de que todo educador de Língua Portuguesa precisa oportunizar momentos de leitura e escrita prazerosas valorizando a cultura que o indivíduo traz, oferecendo os mais variados gêneros textuais, formando grupos, mesclando os que têm maiores dificuldades com aqueles que têm maior eficiência na leitura e na escrita destes gêneros, para que os aprendizes no final possam construir esses textos, percebendo a finalidade de cada um, os elementos que constituem e o principal, que saibam utilizá-los dentro e fora do ambiente escolar.

Compreendo que isso só é possível quando meloro a minha formação, para que desse modo repercuta positivamente nas aulas de Língua Portuguesa. À medida que meloro a capacidade leitora, sou capaz de melhorar a prática pedagógica e assim priorizo a aprendizagem para que os aprendentes construam o verdadeiro sentido.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora, 2005. p: 11-21.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 56ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 2014.

KLEIMAN, A. B. (2007). **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n. 53, p. 1-25, dez, 2007.

KLEIMAN, A. B. (2008). **Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, v. 8, n. 3, p. 487-517, set./dez. 2008.

MENDES, E. e CASTRO, M. L. (org.). **Saberes em Português: Ensino e formação docente**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

PEREIRA, I. G. G. et. Al. **Narrativas autobiográficas: a configuração simbólica de si**. In: SOUZA, E. C.; PASSEGGI, M. C. e ABRAHÃO, M. H. M. São Paulo: Paulus. 2008.

ROMERO, T. R. S. **Autobiografias na (Re)constituição de identidades de professores de línguas: olhar crítico-reflexivo**. Campinas: Pontes Editores. 2010.

SILVA, E. T. **Elementos da pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SILVA, L. F. **Formação de professoras: Aprendendo e ensinando a ler e escrever**. 2012. 161 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

SOLÉ, Estratégias de Leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, L. S. **Compreensão leitora nas aulas de Ciências**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

STREET, B. V. *Social Literacies: Critical approaches to literacy in development, Ethnography and Education*. Harow: Pearson, 1995.

Maria Rita de Cássia Rodrigues[1]

[1] Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Católica do Salvador, Professora de Língua Portuguesa da rede Estadual de Ensino da Bahia, Especialista em Psicopedagogia Escolar UNC e Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal.

Recebido em: 04/07/2015

Aprovado em: 05/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: